
Herói Nacional e Herói Operário *Análise comparativa de suas construções históricas*

*Isabel Bilhão**

Resumo: O artigo pretende analisar comparativamente as narrativas produtoras das imagens de heróis nacionais e de heróis operários, buscando perceber tantos as possíveis aproximações quanto os distanciamentos dessas construções históricas.

Palavras-chave: Herói nacional, herói operário, memória seletiva.

Visando realizar uma análise comparativa, partirei das proposições de dois autores que buscam dar conta da construção do herói nacional, cotejando-as com análises que pensam as aproximações e distanciamentos dessa construção em relação ao herói operário, destacando as principais imagens envolvidas e os conceitos utilizados em ambas as construções.

Iniciarei essa discussão partindo do estudo de Ana Frega (1995: 121-149), nele a autora analisa o contexto que cerca a construção do monumento a Artigas – desde a aprovação do projeto até sua execução – ao longo de 40 anos. Seu enfoque principal será a observação das disputas, dos embates ocorridos no decorrer desse período em torno da figura de Artigas, e como estes irão contribuir para forjar sua imagem como herói nacional uruguaio.

* Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufgrs).

Outro texto utilizado nesse trabalho será aquele onde José Murilo de Carvalho (1990: 55-73) analisa a construção de um herói da República no Brasil – Tiradentes. O foco central de sua análise também perpassa os embates e disputas em torno da construção das imagens do herói que ganharão o imaginário popular.

Em ambos os textos existem alguns pontos marcantes de convergência na análise do processo de heroização do personagem. A partir do texto de Ana Frega, podemos perceber características importantes do processo de construção do herói nacional, a primeira delas é a de que estes heróis geralmente são propostos e financiados pelo Estado, ou por grupos próximos ao poder estatal, os monumentos erguidos em sua honra são, ao mesmo tempo, templos de devoção ao seu heroísmo e “altares simbólicos da identidade nacional”, que precisa estar constantemente presente e renovada na memória e no sentimento da população.

A escolha do candidato a herói e a posterior construção de sua imagem junto às gerações está, no entanto, embasada em uma memória seletiva, onde funcionam tanto a lembrança quanto o esquecimento. Assim, iluminam-se alguns pontos de sua trajetória e obscurecem-se tantos outros. Nesse Sentido, conforme Frega, o monumento a Artigas deveria cumprir uma dupla função: “recordar elementos do passado que contribuíram para afiançar ‘a paz, o progresso e a liberdade’; e colocar um manto de esquecimento sobre a ‘continuada série de revoluções’” (Frega, 1995: 125) ocorridas durante o processo de emancipação do Estado Nacional.

Ocorre, portanto, uma desumanização do mito: o candidato a herói deve, necessariamente, deixar de ser um ser humano comum, passível de acertos e erros e tornar-se o símbolo que encarna demandas genéricas dos vários grupos envolvidos em sua construção mítica. Dessa forma, procede-se a eleição ou mesmo a modificação de características do herói para que este possa dar conta tanto das variadas demandas dos grupos interessados em sua heroificação, quanto para que este possa adequar-se aos interesses do Estado que o propõe.

Contudo, para poder dar conta dessas demandas variadas é importante que o herói possa ser visto como alguém acima e para além de interesses partidários. Nesse sentido, Artigas, ao ter vivido no exílio durante o período das lutas fratricidas entre blancos e colorados, poderá estar, ao mesmo tempo, acima e representando os interesses de todos os grupos que “além disso, buscam no episódio projeções políticas sobre os temas do momento” (Frega, 1995: 134). Cada facção, no entanto, tomará para si apenas os aspectos da figura do herói que melhor lhe convier. Ilustrativos são os vários embates percebidos pela autora quando da inauguração do monumento, cada grupo representando um Artigas a seu modo. Assim, o herói será um devotado católico do ponto de

vista do diário Católico *El Bien Público*, um adepto da ilustração no comentário do jornal *El Día* e um personagem histórico supraclassista na visão dos setores dominantes que buscavam “destacar o caráter popular e autêntico do processo artiguista real” (Frega, 1995: 137). Dessa forma, o herói nacional cumpre a função de fundamentar, “desde as origens”, a idéia de nacionalidade. A monumentalidade na devoção ao herói estará associada, portanto, ao patriotismo: seus ritos, templos e imagens fazem dos heróis deuses dessa “religião laica”.

José Murilo de Carvalho aponta na mesma direção ao analisar o contexto de construção do mito de Tiradentes como herói da República, no Brasil, mas acrescenta a idéia de que os candidatos a herói necessitam, para consolidar a sua imagem enquanto tal, de pontos de referência, de fulcros de aceitação coletiva junto à população. Em suas palavras: “herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado” (Carvalho, 1990: 55). Essa necessidade de correspondência às expectativas da população em torno da imagem do herói é tanto mais necessária quanto mais afastado está o povo do processo real da implantação dos regimes políticos. O envolvimento com a figura do herói nacional vem, dessa forma, compensar a falta de envolvimento da população com os processos históricos.

A exemplo de Artigas, Tiradentes também pode ser visto como o herói supraclassista, que ao participar de um movimento que, não chegando a eclodir, não derrama o sangue de irmãos. Juntando-se a essa construção para além e acima dos interesses partidários, Tiradentes também é, a partir do livro de Charles Ribeyrolles - que expressa a representação do ideal francês de herói - o mártir “que se deixa morrer sem traço de temor, pois se sacrifica por uma idéia” (Carvalho, 1990: 60). Assim, uma das versões que mais sucesso fará na reconstrução da imagem de Tiradentes é a de sua comparação com o martírio de Cristo, mesmo sua imagem, tanto no julgamento quanto na sentença, o tornarão semelhante ao Cristo Mártir.

Por seu turno, a imagem do martírio pode enfraquecer a imagem do herói do patriotismo a aproximá-la da religião. Carvalho observa que Tiradentes - a partir da literatura que o coloca como “cristo da multidão” (1990: 60), ou dos retratos que o assemelham cada vez mais à representação conhecida do Cristo, como por exemplo a litografia de Décio Villares - será progressivamente afastado da imagem proposta pelos clubes republicanos de caráter jacobinista. Vindo a reforçar essa constatação o relato de Joaquim Norberto de Souza Silva de que, durante o período de prisão, Tiradentes teria se convertido em um místico, chegando, desapontado, a conclusão de que “prenderam um patriota; executaram um frade!” (Carvalho, 1990: 63).

A produção de diversas facetas na imagem de Tiradentes - mártir, republicano, patriota, Cristo da multidão - acaba por, da mesma forma que ocorre com Artigas, unificar diversos grupos a partir dos mais variados interesses em torno da figura do herói nacional. Exemplar nesse sentido é a proposição feita em verso, apelando à unificação em torno da figura de Tiradentes: “portanto, vós monarquistas, e vós outros anarquistas, juntai aos positivistas o coração a bater” (Cravalho, 1990: 70).

Entretanto, a versão da imagem de Tiradentes que, assim como a de Artigas, acaba vencedora é a do herói cosmopolita, sua imagem está ligada aos valores universais de independência, abolição e republicanismo, ou seja, Tiradentes representa a transformação do país. Esta ligação do herói com os valores universais possibilita que, quando da consolidação de sua imagem, até mesmo os monarquistas venham a reclamar as heranças de Tiradentes pois, segundo eles, ao tornar o Brasil independente de Portugal, “o Império realizou o sonho de Tiradentes” (Cravalho, 1990; 71).

Portanto, as características de construção da imagem do herói nacional percorrem um longo e tortuoso caminho, desde a seleção dos fatos e características da vida ou mesmo a reconstrução de uma imagem que possa servir de catalisador das aspirações dos diversos grupos envolvidos nessa construção, até a aceitação pública e popular dessas características, passando por diversas campanhas de divulgação e apropriação da imagem construída, contando, nesse caso, com a colaboração e mesmo com o financiamento estatal. Um monumento ao herói nacional representa, como já foi dito, um altar de celebração do orgulho e da identidade nacional, ambos construídos coletivamente num jogo de memória e esquecimentos seletivos.

O herói operário, por seu turno, apesar das aproximações possíveis com a figura do herói nacional, guarda algumas características próprias. Nesse sentido, Adhemar Lourenço da Silva Jr., citando Raoul Girardet, lembra que “não há simplesmente ‘heróis’, mas narrativas heróicas. A mitificação das condutas de determinados personagens tende a dissociá-los do tempo cronológico, de forma a produzir relatos que têm, ou deveriam ter sempre força no presente” (Silva Jr., 1998: 116).

Dessa forma, no caso do herói operário existe sempre uma característica pedagógica seletiva em sua apresentação, ele representa e encarna o ideal de conduta a ser seguida pelo conjunto **dos trabalhadores**, em oposição aos exploradores. Segue-se a isso o fato de que o movimento operário se consolida em um momento de crença otimista no progresso, fazendo-o incorporar a idéia de ‘missão histórica’ às justificativas de suas demandas.

Portanto, a passagem de cada militante sobre o mundo só tem sentido se levado em conta o compromisso assumido pelo movimento operário e por

cada um de seus membros diante da história. “Assim, o valor do militante, à luz dos exemplos dos heróis e mártires da causa operária, será julgado pelo tribunal da história” (Silva Jr., 1998, p. 117).

Entretanto, a construção da imagem do herói operário também demanda esforço de aceitação e convencimento. Nesse sentido, o modelo básico de heroificação operária utiliza-se preferencialmente de dois modelos de expressão. São eles: o do herói operário como “conquistador que se apodera das multidões” e o do profeta impulsionado por sua visão de futuro promissor. Ao utilizar-se dessas imagens, o estrategista operário militante maneja a arma da palavra, persuadindo as multidões (mesmo que estas não passem da base de um sindicato), denunciando os opressores e os que a estes servem.

Um dos momentos de aproximação dos discursos de construção do herói operário com o herói nacional ocorre quando o primeiro passa a ter seu nome sacralizado, e se ser visto com ‘herói e mártir’. Quando a imagem dos heróis operários passam a ser associadas a dos profetas, e vistos como aqueles que sofreram danos físicos ou morais com seu ímpeto. Sendo que o momento culminante desse processo é o de sua punição ou morte, momento a partir do qual se cristalizam os relatos que, “agora não mais restrito à sua conduta, tratam da definição de seu ciclo de vida como heróico” (Silva Jr., 1998: 118).

Entretanto, conforme lembra Silva Jr. “não basta o indivíduo existir e agir para transformar-se em herói: isso dependerá da institucionalização das narrativas heróicas sobre sua conduta” (Silva Jr., 1998, p.122). Dessa forma, não podemos acreditar que são suficientes um indivíduo e uma profusão de narrativas para a sua transformação em herói. É também necessária a institucionalização de sua heroificação. Essa institucionalização pode ser feita por associações preexistentes, de forma geral. Para os heróis operários, são os sindicatos, os grupos políticos ou intelectuais que assumem essa tarefa.

Dessa forma, a configuração do herói operário tende a retirar-lhe as especificidades e torná-lo protagonista de um mito e representante de uma coletividade – a classe.

Nesse sentido, a celebração operária de seus heróis [...] pode prescindir de qualquer referência [específica], desde que o sujeito coletivo esteja presente. Dessa forma, os heróis operários são antes meios do que fins de uma ação política das instituições operárias, porque seus fins podem encontrar expressão em discursos abstratos, pobres em imagens e ricos em teorização ideológica. A riqueza ideológica do discurso operário abre espaço à disputa sobre o legado dos fundadores (Silva Jr., 1998, p. 124).

É importante observar nesse sentido que, diferentemente dos heróis nacionais e patrióticos, que exaltam a unidade dentro da pátria-mãe, os heróis operários exaltam a diferença de classes dentro do Estado Nacional.

Se, por um lado, o herói operário tende a demonstrar as diferenças de classe dentro do Estado, por outro, sua figura - ao ser apropriada por diversos grupos, muitas vezes de correntes ideológicas rivais - tende a homogeneizar essas diferenças e a propiciar uma idéia de unificação no interior da classe. Isso é possível, assim como no caso do herói nacional, pelo jogo de memória e esquecimento promovido pelas narrativas posteriores sobre sua vida, geralmente garantidas pelo desconhecimento desses aspectos por um grupo mais amplo de operários.

Essa narrativa heróica, da mesma forma que serve de exemplo para a adesão à causa, também pode caracterizar o esforço das lideranças que proferem o discurso em demonstrar ao conjunto dos trabalhadores o seu empenho em seguir de perto o exemplo do herói mártir. Portanto, “louvar o protagonista não é a finalidade principal do discurso: isto é apenas um meio para persuadir a audiência do valor positivo de uma conduta daquele tipo, que inicia pela adesão à causa e passa necessariamente pela filiação institucional” (Silva Jr., 1998: 125).

E, em mais uma aproximação com a figura do herói nacional, a construção da imagem do herói operário também pode passar pela analogia com o cristianismo. Assim, o herói operário será o mártir, profeta e sacrificado. Exemplares, nessa direção, são os relatos como o de Carlos Malato - importante anarquista italiano da passagem do século XIX para o século XX - em seu livro *Revolución cristiana y revolución social*, no qual compara a decadência do Império Romano com a do capitalismo e dedica um capítulo da obra ao “mártir proletário”. Ou ainda os comentários do militante comunista Cristiano Cordeiro em seu *Adeus a Sacco e Vanzetti*, comparando-os aos “pobres pescadores da Galiléia, que hoje são adorados como santos pelos modernos fariseus” (Silva Jr., 1998: 126).

No entanto, ninguém pode se auto-heroificar, sob pena de pôr em perigo sua reputação de virtuoso. O herói (ou candidato a herói) deve valorizar a classe, o sindicato, o partido, em suma, o sujeito coletivo ao qual dedica sua vida. O verdadeiro herói se humilha perante o sujeito coletivo, qualificando suas próprias ações apenas como um meio, entre outros, para a realização dos fins da classe.

Nessa construção do herói operário, o discurso das lideranças pode variar quanto a ênfase, mas alguns elementos serão sempre recorrentes. Ilustrativo, nesse sentido, é o conjunto de discursos e representações feitas na imprensa porto-alegrense quando da execução de Francisco Ferrer y Guardia - importante

pedagogo e militante anarquista espanhol – fuzilado a mando do rei Afonso XIII, em outubro de 1909.

Chama a atenção, nesse caso, que apesar de Ferrer ser um destacado militante anarquista, a apresentação de sua imagem como herói operário para os trabalhadores de Porto Alegre é feita por Francisco Xavier da Costa, principal liderança do grupo socialista, e então secretário geral da Federação Operária do Rio Grande do Sul – FORGS, através do jornal *Echo do Povo*. Nessa narrativa prevalecerá o já citado jogo de lembrança e esquecimento sobre a figura do “mártir”. Xavier da Costa conta, para isso, com o desconhecimento da maior parte dos trabalhadores sobre o personagem apresentado.

Ferrer passa então a adquirir uma feição unificadora dos interesses proletários de todo o mundo e a servir como exemplo também ao proletariado porto-alegrense. Assim é apresentada a narrativa de seu martírio:

Companheiros! No pátio da prisão de Montjvich teve realização a bárbara sentença, Francisco Ferrer foi fuzilado. [...] Atrafram-lhe as fúrias do rei, do ministro Maura e dos seus símiles, que lá andam a infelicitar a gloriosa Espanha, a propaganda da que ele fazia pela palavra e pela pena, na tribuna, na imprensa e no panfleto, nas praças e em comícios, e na escola em preleções de um regime de liberdade e igualdade. (*Echo do Povo*, 1909, p. 1).

A sacralização de sua figura é acompanhada pela idéia de unificação de ideais, independente das divergências ideológicas ou programáticas que possam vir a separar os diversos grupos no interior do movimento operário. Portanto,

A notícia da condenação ecoa dolorosamente por todo o orbe civilizado; a injustiça provoca uma enorme corrente de simpatia pela vítima, de todos os pontos da Europa são dirigidos pedidos de indulto para o condenado. A nada atendem o rei Afonso XIII e o seu ministério. Francisco Ferrer é fuzilado [...] Mas a boa semente que o assassinado de Barcelona lançou na alma do povo germina e germinará!

Glória à memória do Mártir! (*Echo do Povo*, 1909: 1).

O tom unificador prevalece a longo de toda a narrativa e, nesse sentido, o herói martirizado, “deixa em cada membro da massa popular, e em cada aluno dos que compõem as duzentas e tantas escolas existentes modeladas pela sua, um fiel discípulo das suas idéias que reverenciará sempre a sua memória” (*Echo do Povo*, 1909, p. 1).

Portanto, a heroicização da imagem de Francisco Ferrer passa pelo reconhecimento de sua conduta pública, pela defesa de seus ideais, mesmo que estes tenham que ser disfarçados com classificações bastante amplas de sua postura ideológica. Assim, Ferrer será o “fervoroso adepto das idéias modernas”,

aquele que “não vacilando em vir para a rua, com o seu verbo esclarecido comungar com o povo, quando este tinha necessidade de reclamar qualquer direito”. Atraiu para si “o mau olhar dos governos” (Echo do Povo, 1909, p. 1).

Entretanto, por mais que essa narrativa possa vir a aproximar as construções do herói operário e do herói nacional, existem alguns pontos divergentes cruciais nessa análise. O primeiro deles é o de que apesar de ambos os tipos de heróis possuírem uma função pedagógica em relação ao comportamento da maioria da população. O herói nacional promove uma unificação acima e para além das questões classistas. Já o herói operário - mesmo tendendo a criação, apenas imaginária, de uma unidade de condutas no interior do movimento – tem como função principal demonstrar as diferenças e injustiças no interior da sociedade. Dessa forma, irá rebelar-se tanto contra o Estado, quanto contra a burguesia, colocando em evidência as divergências de interesses entre estes e os trabalhadores.

Nesse sentido, o discurso heroicizante tem mais valor quanto maior forem as disputas e divergências no interior das classes. Mas, a classe ou instituição que pretende obter o status resultante da conduta heróica de seu militante, transfere a todos os seus membros a necessidade de comportar-se a partir de seu modelo de conduta para, assim, poder obter os ganhos das disputas de honra. Tais ganhos, no entanto, não têm uma existência material. “Daí provém a importância de relatar os feitos dos militantes que honraram a classe” (Silva Jr., 1998, p. 135).

Assim, é interessante observar que, juntamente com o relato das condutas heróicas dos mártires do proletariado, geralmente o discurso das lideranças operárias é perpassado por lições de como deve ser a atuação honrada dos membros do operariado. Dessa forma, pode-se estabelecer até mesmo que o

verdadeiro companheiro é aquele que não especula em detrimento de seus irmãos de classe, é aquele que cumpre religiosamente seus deveres de homem sério, é o que vive do seu trabalho honrado na oficina ou na construção, é aquele que não é vagabundo nem propagandista de jogo ou qualquer outro vício, é, em resumo, o que bem merece o título de OPERÁRIO DECENTE. (A Gazetinha, 1898, p. 2).

É importante perceber que “a honra também é coletiva e pode se fixar num grupo social e que a honra – ou a conduta por ela ditada – varia de acordo com o lugar de cada um na sociedade” (Pitt-Rivers, 1992, p. 18), podendo produzir a ênfase na diferença em relação a outras classes e o reforço da identidade operária.

Desse modo, observando a constatação de Julian Pitt-Rivers, honra seria

um sentimento e um fato social objetivo ao mesmo tempo; de um lado, um estado moral que provém da imagem que cada um tem de si e que inspira ações as mais temerárias ou a recusa de agir de uma maneira vergonhosa, seja qual for a tentação material – e ao mesmo tempo um meio de representar o valor moral do outro: sua virtude, seu prestígio, seu status e, assim, seu direito à precedência (Pitt-Rivers, 1992, p. 18).

Um dos requisitos indispensáveis ao candidato a herói operário é, portanto, a defesa e manutenção de sua honra. A exposição pública de seus atributos de honradez: sua coragem, desprendimento material, honestidade e combatividade incansável, tornam-no digno de ser um modelo a ser seguido por todos os trabalhadores.

É possível, para o caso do discurso de construção do herói nacional, escolher um momento relevante de sua conduta ou prática pública e eternizá-lo em um monumento, em um quadro ou um relato. Para o herói operário, entretanto, a heroificação depende daquilo que ele fez ao longo de toda a sua vida de militância. Assim, “O herói operário não é o que faz uma única coisa, mas que, a cada dia, coloca uma pedra a mais na construção de um status para sua pessoa [...]. Isso parece constituir o que há de comum entre todos os modelos de herói operário. Demonstrar o compromisso ao longo de toda uma vida, inclusive na velhice” (Silva Jr., 1998, p. 132).

Para concluir, as narrativas construtoras de heróis nacionais e de heróis operários aproximam-se pela utilização de uma memória seletiva em torno da vida do candidato a herói, pela necessidade de homogeneização de sua conduta a fim de poder torná-lo exemplo e de unificar diversos grupos, mesmo rivais, em torno de sua figura.

Distanciam-se porque, enquanto o herói nacional é geralmente proposto e financiado pelo Estado ou por grupos próximos ao seu âmbito de poder, a figura do herói operário serve justamente para dar coesão ao grupo de trabalhadores, denunciando as injustiças de classe, atribuídas tanto ao Estado quanto à burguesia. Afastam-se ainda porque, diferentemente do herói nacional, o herói operário só poderá ser assim considerado se sua conduta de militante apresentar uma coerência de honradez ao longo de toda a vida. Atitudes consideradas traidoras ou duvidosas tendem a afastar a possibilidade de eleição do candidato a herói operário. Para eles não existe, como no caso do herói nacional, um momento privilegiado de sua conduta heróica que possa ser eternizado.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Murilo. Tiradentes: Um herói para a República. In: _____. *A formação das almas, o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. da Letras, 1990.

FREGA, Ana. La construcción monumental de un héroe. In: *Humanas*, Porto Alegre, v. 18, n.1/2, jan./dez. de 1995.

PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra. In: GAUTHERON, Marie. *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In: OTERO, Loiva & ELMIR, Cláudio. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

Referências documentais:

A Gazetinha, Porto Alegre, 1/11/1898.

Echo do Povo. Porto Alegre, 18/10/1909.